



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZ ALBERTO FIGUEIRA DE MORAES

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-570

Entrevistado: Luiz Alberto Figueira de Moraes

Nascimento: 26/12/1945

Local da entrevista: Academia Oxygen, Bairro Partenon, Porto Alegre

Entrevistadores: Alexandre Luz Alves e Adriana Zimmermann

Data da entrevista: 29/06/2015

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Pesquisa: Alexandre Luz Alves e Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 27 minutos e 15 segundos

Páginas Digitadas: 10 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Influências; Associação Cristã de Moços (ACM); Sistema de treinamento; Mulheres no judô; Conselho de *Kodanshas*; Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA); Preparação de atletas; Sport Club Internacional; Grêmio Náutico União; Arbitragem; Contribuição para o judô do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 29 de junho de 2014. Entrevista com Luiz Alberto Figueira de Moraes a cargo dos pesquisadores Alexandre Luz Alves e Adriana Zimmermann para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Como foi a sua inserção no judô e se essa foi a sua primeira modalidade?

L.M. – Eu comecei no judô por conta da minha forma física, eu era gordo, muito gordo. Então não tinha, não podia praticar esporte nenhum, no futebol me colocavam no gol. Entrei para o judô, comecei a fazer judô na ACM¹ e foi aonde eu me encontrei.

A.A. – Que época era aquilo?

L.M. – 1969.

A.A. – Com que idade tu iniciou?

L.M. – Acho que eu tinha uns dezoito anos, é que antigamente tu começava tarde no judô. Inclusive na época as faixas eram branca e amarela.

A.A. – O sistema de faixas era diferenciado do que é hoje?

L.M. – Hoje tem a branca, depois colocaram a faixa azul, começou a diminuir a faixa etária, depois colocaram a faixa cinza. Hoje tem as pontas, faixa branca ponta cinza, depois faixa cinza, depois cinza ponta azul, faixa azul. É para a gurizada não ficar muito tempo na mesma faixa.

A.A. – Alguém influenciou na sua escolha pelo judô, amigos, professores, familiares?

L.M. – Foi um colega meu, na época foi um colega de banco, esse meu amigo até já faleceu, Vicente Garcez Carati. O primeiro judogui² que eu comprei foi na conta dele no Cauduro, ali no Cauduro, na José Montauri³. Eu trabalhava no Província⁴ na época.

¹ Associação Cristã de Moços.

² Uniforme de treino japonês.

A.A. – Ele praticava judô há quanto tempo?

L.M. – Ele já era faixa verde na época.

A.A. – Relate como era onde tu praticou, onde tu iniciou a sua pratica no judô, como era a parte estrutural, como eram os professores...

L.M. – Eu comecei na ACM e depois fui professor de lá. Quando eu comecei, eu comecei com o professor Francisco de Xavier de Vargas Neto, vocês devem conhecer ele. Então ele tinha recém se formado em educação física e eu comecei com ele, eu fui o primeiro faixa preta dele. Era aquele trabalho de guerreiro.

A.A. – Dizem que o ensino dele era um judô mais tradicional.

L.M. – Era um judô tradicional. O pessoal antigo era tudo judô tradicional que voltou hoje.

A.A. – Tu poderia relatar como era o sistema de treinamento dele?

L.M. – Era o sistema de aquecimento, fazia *uchikomi*⁵, a entrada depois *randori*⁶ que era pauleira. Que é o que rende.

A.A. – Como era a situação do judô no Rio Grande do Sul nessa época?

L.M. – Quando alguém saía em terceiro lugar tinha desfile na cidade em carro de bombeiro, era muito difícil. Hoje campeão brasileiro é normal, é que o nível do pessoal de cima era muito elevado.

A.A. – Falando ainda da ACM tu teve apoio dessa instituição, desse clube para poder participar de campeonato a nível nacional, a nível estadual?

³ Rua da cidade de Porto Alegre.

⁴ Banco da Província.

⁵ Prática repetida do movimento, conhecido como “entrada”.

⁶ Luta de treinamento.

L.M. – A ACM... Todos os atletas da ACM são afiliados da Federação⁷, mas eles nunca foram voltados para a competição, então a gente fazia por si. Na época a Federação apoiava, hoje não, a Federação pagava as viagens da delegação, da seleção gaúcha para brasileiros, hoje não tem mais isso. Tudo era viagem de ônibus, mas tinha.

A.A. – Ainda nesse período que tu iniciou havia mulheres praticando e competindo judô?

LM. – Havia mulheres, mas não havia competição feminina, eu depois quando comecei a dar aula de judô eu tive uma aluna chamada Dulcinéia Pontes, hoje a Dulcinéia está com cinquenta anos e continua jogando ainda, veterana e campeoníssima. Na época não tinha e quando eu fazia torneio com outros clubes eu colocava ela com os guris e ela passava o laço nos guris, era uma negrona forte, está com cinquenta anos e campeoníssima no Master.

A.A. – O que significa ser *Kodansha*⁸? Como aconteceu o processo e o ano que você se tornou? Teve submissão de currículo?

L.M. – Eu vou dizer uma coisa bem sincera para ti, qual a faixa que eu valorizo? A faixa preta, essa eu conquistei, tomei porrada, suei. Agora *Kodansha*, eu fiz exame até terceiro *Dan*, depois foram por serviços prestados, depois é parte política. Todos os *Kodanshas* que tem ai, não tem exame para *Kodansha*, tudo é merecimento, por serviços prestados.

A.A. – E para ti, o que significa ser *Kodansha*?

L.M. – Para quem esperava chegar até a preta, para mim é o ápice. Já tenho carência para oitavo *Dan*, então *Kodansha*, não tenho explicação para te dar.

A.A. – O ano que tu te tornou *Kodansha*?

L.M. – Não recordo. Depois te dou esses dados...

⁷ Federação Gaúcha de Judô.

A.Z. – Não lembra a idade? Talvez seja mais fácil para lembrar o ano...

L.M. – Acho que mais ou menos. Eu estou com dez anos de sétimo, menos dez de sexto...
Acho que uns vinte e cinco anos atrás eu passei a ser *Kodansha*.

A.A. – Comente as demandas do Conselho, o senhor desempenha alguma função específica?

L.M. – Não, nós temos um grupo, um presidente...

A.A. – Atualmente qual é?

L.M. – É o Cid⁹ lá do Gaúcho¹⁰. Já entrevistaram o Cid?

A.A. – Já entrevistei, mas não para esse projeto, pretendo entrevistá-lo.

L.M. – O Cid foi meu aluno no Inter¹¹ há muitos anos...

A.A. – O Cid foi do Inter?

L.M. – Foi, depois ele deu aula lá também, o trabalho do Cid é muito bom...

A.A. – O senhor não tem uma função específica no Conselho?

L.M. – Não, só participante.

A.A. – Como foi recebida a inserção de uma mulher no Conselho? Existem outras mulheres no estado habilitadas a integrar o Conselho ou em vias de?

⁸ *Kodansha* é a nomenclatura dada aos judocas que atingem o sexto grau (Dan) da faixa preta, modificando desta forma a cor da faixa para branca e vermelha, rajada.

⁹ Cid Correa Junior.

¹⁰ Grêmio Náutico Gaúcho.

¹¹ Sport Club Internacional.

L.M. – Não, por enquanto só a Eliane¹², alguém quinto Dan? Mulher quinto *Dan* atualmente não lembro quem é. Quando eu fazia parte da Comissão de Graus eu sabia o ordenamento do pessoal todo, depois que eu sai fora não tenho mais...

A.A. – O Conselho é uma iniciativa recente. A ideia de organizar um Conselho foi inspirada em outra Federação?

L.M. – Sim, na Paulista, o Conselho de *Kodanshas* lá é muito grande. O que tem de *Kodasha* lá é brincadeira, então foi inspirada. Na época aqui também teve um pessoal a fim de fazer uma associação dos faixas pretas, mas ficou só no papel, não vingou.

A.A. – Antes do Conselho de *Kodanshas*?

L.M. – Sim.

A.A. – Atualmente você é *Shiti Dan*¹³, ainda terá progressão? Como falou anteriormente está habilitado para ser oitavo...

L.M. – É como eu disse é político, não é? Eu não duvido que talvez... É que *Dan* é uma coisa muito pessoal... Eu não vou com *Dan* no supermercado, dizer que eu sou sétimo *Dan*, ou quando trabalha o teu salário vai aumentar, não influi em nada.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor, técnico, árbitro ou outra atuação dentro do judô:

L.M. – Atualmente eu sou árbitro internacional e atualmente eu sou diretor de arbitragem da Federação Gaúcha. Como árbitro internacional eu estou fora, só posso atuar dentro do Brasil. Fora não dá por causa idade, já passou a minha idade. E como técnico eu tenho alguma coisa para... Eu tenho, eu nunca anotei o número faixas pretas que eu tenho, o que eu tenho de aluno faixa preta... Eu falo aluno que começou comigo, faixa branca, eu não

¹² Eliane Pintanel Teixeira Prondrynski.

¹³ 7º *Dan* em judô.

falo quem vem de fora meio graduado. Até eu nem gostava de pegar pessoal que vinha cheio de vício, até corrigir isso era um problema. Eu gosto de pegar zero quilometro e criar ao meu sistema. Então eu tenho um currículo fabuloso, atleta olímpica que começou comigo, a Mariana Martins. Eu dava aula no Lindóia, ela começou na escolinha comigo lá. Esses dias até me mandou no *Facebook*: “Moraes eu estava me lembrando quando tu estava me ensinando *Seoi*¹⁴.” Alexandre Garcia passou pela minha mão lá no Inter, o Alexandre Garcia naquele ano que estava no Inter ele era juvenil e saiu Campeão Brasileiro Juvenil, Junior, Sênior e Pan-americano, tudo no mesmo ano.

A.A. – Na mesma categoria de peso?

L.M. – Sim, só categoria de idade diferentes e saiu *Kodansha* agora. Ele mora em São Paulo, ele deu aula muito tempo no Projeto Futuro em São Paulo... Ele saiu *Kodansha* agora e o irmão dele faz parte do quadro de árbitros daqui. Então eu montei vários alunos campeões brasileiros, um monte, campeões pan-americanos.

A.A. – Você teve participação em alguma etapa de preparação de atletas que foram para as Olimpíadas ou para competições internacionais?

L.M. – Tive os meus alunos, não é? Agora preparação tipo seleção gaúcha, isso não.

A.A. – Você gostaria de mencionar nomes de alunos que foram para as Olimpíadas ou para competições internacionais? Mundial, Pan-Americano? Lembra de algum?

L.M. – Antônio Perazi de Oliveira, esse começou comigo aos cinco anos, foi bicampeão brasileiro, bicampeão Pan-Americano. Tem o Garcia¹⁵ que teve passagem pela minha mão, depois foi para a SOGIPA¹⁶, na época que ele foi para a Olimpíada ele já estava na SOGIPA. A Mariana Martins, quem mais? Teve um monte de gente, tem mais, mas eu não me lembro.

A.A. – Quais momentos/eventos da sua carreira no judô você destacaria?

¹⁴ Técnica de projeção do judô.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

L.M. – A fase que eu gostei mais no judô como atleta era quando eu era faixa verde, fazia chover para cima, forte “pra” caramba. Como técnico foi o Sport Club Internacional na década de 1980 que o nosso judô... O judô do estado cresceu graças ao Internacional. O que nós fazíamos lá? Nós começamos a viajar...

A.A. – O Inter subsidiava viagem para os atletas?

L.M. – Não. O Inter pagava só o nosso salário, o meu salário e o professor Antonio¹⁷, que é *Kodansha* também e hoje ele é administrador do Tesourinha¹⁸.

A.A. – Entrevistamos ele também...

L.M. – Nós trabalhamos juntos no Inter, dez anos, baita professor. Nós começamos a viajar: “Tem Beneméritos de judô lá em São Paulo, vamos para lá de ônibus”. Gurizada de ônibus... “Vila Sônia!”. Tomando pau, tomando pau, por que tu cresce é tomando porrada, é apanhando. Os outros clubes começaram a nos copiar, o nosso judô começou a crescer, tanto que chegou a ser o segundo judô no Brasil. Primeiro São Paulo, segundo Rio Grande do Sul e depois vinha o resto. Esse intercâmbio fez o nosso judô crescer muito. E depois quando eu fui para o Grêmio Náutico União, que eu fui para fazer um trabalho em escolinha... Mas eu tinha umas cabeças que andavam de arrasto comigo sempre, até filiar o departamento e a primeira pergunta que fizeram quando filiaram o clube: “Quando o Grêmio vai encostar na SOGIPA, quanto tempo?”. Eu disse: “Cinco anos!”. No segundo ano nós estávamos ganhando da SOGIPA, trabalhei dez anos no União, aí o salário ficou muito alto e me dispensaram.

A.A. – Mesmo tu trazendo resultados?

L.M. – Mas eles não querem saber de resultados. Clube não quer saber, tudo é custo, o que aconteceu? Caiu muito, hoje o judô do União caiu “pra” caramba. Ficou no meu lugar um aluno meu, com metade do meu salário eles pagam três hoje. Mas o pessoal saiu, foram

¹⁶ Sociedade Ginástica Porto Alegre.

¹⁷ Antonio Augusto da Silva Fontoura.

para a SOGIPA, outro tipo de treinamento. O pessoal não gosta de treino muito conversado, o pessoal gosta de treinar. As minhas aulas sempre eu corrigia eles jogando: “Fulano! Faz isso! Fulano! A tua puxada...”. Ai tem os caras que param: “Senta todo mundo”. O atleta esfria, ele não gosta disso, ele não gosta de parar. Tem os atletas que tem que trabalhar sob pressão, tem outros que tem que alisar a cabeça, tem uns que tem que dar porrada, então até eles atingirem esse conhecimento vai levar um bom tempo.

A.A. – Comente como você percebe a mudança do judô ao longo desses anos? Técnicas, regras...

L.M. – No meu ponto de vista o judô começou a perder a graça a uma época que os caras fizeram aquelas misturas daquelas lutas russas, sambo¹⁹ com o judô, muita catação de perna, então ficou um judô feio. Hoje foi abolido isso ai, hoje não tem isso. Hoje tu colocou a mão na perna do adversário, tu é desclassificado. O que aconteceu? Japão está crescendo de novo, por que lá eles sempre praticaram judô tradicional, judô bonito, judô em pé. O João Derly²⁰ se fosse hoje, sem a catação de perna ele não era nada, o jogo dele era todo baseado em catadas de perna. Então esse judô tradicional é o judô que eu gosto, judô bonito, em pé.

A.A. – Técnica perfeita.

L.M. – Técnica perfeita, exato.

A.A. – Comente a sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul:

L.M. – Eu acho que eu contribui muito, acho que em termos de seleção, tinha época que a base da seleção, se tinha oito atletas na seleção, seis eram meus.

A.A. – Tem alguma coisa que nós não perguntamos e você gostaria de deixar registrado?

L.M. – Tudo que eu tenho hoje financeiramente eu devo agradecer ao judô.

¹⁸ Ginásio Osmar Fortes Barcellos.

¹⁹ Arte marcial desenvolvida na extinta União Soviética.

A.A. – Hoje você ainda pratica?

L.M. – Às vezes eu pego o judogui e dou uma brincada com as crianças, essa gurizada anda muito forte [risos]. Ainda faço os meus ferrinhos aqui para dar uma segurada, agora dei um treino para os masters... Os colegas convidam para treinar nas suas academias, hoje eu não vivo, hoje eu sou do lar, então a única coisa que eu não faço hoje que mulher faz é ganhar filho. A minha mulher é psicopedagoga na área da educação especial e ela trabalha ainda. Quando eu parei de trabalhar, quando eu sai do União, ainda trabalhei um ano e dois meses no Inter. Eles lançaram um projeto olímpico que não vingou, não vingou não, eles tem um dinheiro, eles tem um milhão retido. Só que para o clube liberar essa verba o clube tem que estar zerado. E me diz o clube de futebol que está a zero? Nenhum, então para eles mexerem nesse dinheiro eles não podem dever nada, INSS, fundo de garantia, tem que estar zerado. Trabalhei dois anos, montei uma equipe que no citadino, em um ano, só perdemos para a SOGIPA, ficou em segundo lugar. Mas aí a verba... Trabalhei um ano e dois meses de graça. A minha mulher ficou grávida, veio a Paulinha que tem três anos, e eu disse: “Não, vou ficar em casa”. Então hoje, pela manhã eu levanto dou mamadeira para eles, arrumo, levo para a escola, venho para cá. Agora vou para casa, faço almoço, estendo a roupa, pego elas na escola, volto. Hoje tem dança, levo para a dança, amanhã tem natação, uma na SOGIPA, a pequena nada que é um... A outra tem nove, faz natação desde os seis meses, começou no Mauri²¹. Duas coisas que criança é obrigada a fazer, uma é estudar e a outra é praticar um esporte, não interessa qual, pelo menos ficam velhos mais saudáveis. Eu não sou monge, eu tomo minha cerveja, mas tenho pressão doze por oito, colesterol cento e vinte, triglicérides também na faixa de centro e trinta, a glicose oitenta. Então estou aí, ajuda não é?

L.M. – E vocês estão... Tu te forma?

A.A. – Falta um tempo ainda, mas eu estou pensando no TCC que é justamente... O foco de pesquisa é os *Kodanshas* e verificar a contribuição de vocês para o judô do Rio Grande do Sul...

²⁰ João Derly de Oliveira Nunes Júnior.

²¹ Escola de natação do atleta olímpico Mauri Fonseca.

L.M. – Se tu quiser, também tem um crânio, uma cabeça chamado Irineu Pantaleão Bazacas, toma nota. Um professor da antiga, que tem uma memória de elefante... Sábado agora, na nossa reunião dos *Kodanshas*, vai vir uma judoca que é advogada e psicóloga e vai dar uma palestra...

A.A. – Vocês vão se reunir na Federação? Lá no CETE?

L.M. – Não, vai ser na casa do Cid, às vezes na casa do Cid, às vezes no Gaúcho, depois churrasco e cerveja...

A.A. – Professor para encerrar a entrevista queria agradecer imensamente...

L.M. – Muito obrigado, disponha, qualquer coisa se eu me lembrar alguma coisa eu acrescento.

[FINAL DA ENTREVISTA]